

**o bem viver como territórios:
pertencas, culturas e resistências**

***buen vivir* as territories:
belonging, cultures, and resistances**

Alan Alves-Brito

Astrofísico, escritor e professor
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre, RS

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5579-2138>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.20209059>

Resumo: O *bem viver* representa lugares e modos de ser de povos que resistem à barbárie (neo)colonial, capitalista e patriarcal há séculos. Apresentamos, nesse texto, apontamentos e reflexões sobre contextos históricos, políticos e éticos de territórios de *bem viver*, destacando pertencas, culturas e resistências. Amparado em diálogos com a literatura científica, criações artísticas e em práticas de lutas, interpretamos as realidades em curso com base no pensamento teórico, prático e estético de intelectuais indígenas. Apontamos caminhos para que possamos ressignificar a nossa existência no planeta Terra, coabitando o mundo a partir de valores e princípios que tecem as ancestralidades indígenas.

Palavras-Chave: (1) Bem Viver; (2) Abya Yala; (3) Teko Porã; (4) Cosmologias Indígenas; (5) Interculturalidade.

Abstract: The *Buen vivir* represents places and ways of being of people who have resisted (neo)colonial, capitalist and patriarchal barbarism for centuries. We present, in this text, notes and reflections on historical, political and ethical contexts of territories of *good living*, highlighting belonging, cultures and resistance. Supported by dialogues with scientific literature, artistic creations and practices of struggle, we interpret current realities based on the theoretical, practical and aesthetic thought of Indigenous intellectuals. We point out paths so that we can give new meaning to our existence on planet Earth, cohabitating the world based on values and principles that weave together Indigenous ancestralities.

Keywords: (1) Buen vivir; (2) Abya Yala; (3) Teko Porã; (4) Indigenous cosmologies; (5) Interculturality.

Introdução

A colonização europeia do século XV representa, para a *Abya Yala*¹, um dos maiores traumas para a história dos povos originários da região. Há mais de 500 anos, distintos povos existem e resistem às múltiplas formas de aniquilação, baseadas no genocídio/etnocídio físico e epistemológico, que materializam, em profundidade, a máquina do cosmocídio sem precedentes na nossa história (MUNDURUKU 2012; XAKRIABÁ 2020; WERÁ 2024; ALVES-BRITO 2025a).

Do colonialismo histórico à colonialidade de corações, mentes e modos de ser e de viver, os povos indígenas, de distintas etnias, seguem sendo privados de seus direitos mais fundamentais, experimentando violentos processos de extermínio e desumanização (SMITH 2018). O racismo anti-indígena se reatualiza na contemporaneidade como forma complexa de dominação e de garantia de privilégios. Há, portanto, um conflito cosmológico em curso, em que distintas *filosofias* estão em tensão (JECUPÉ 2020; ALVES-BRITO 2025a; b; c).

De um lado, a perspectiva cosmológica hegemônica, moderna e contemporânea, cujos conceitos de cidade, campo, terra (propriedade) e *bem estar* estão justificados no âmbito do *penso, logo existo* (base de pensamento ocidental), da escrita e da construção de uma cartografia cosmológica em que a racionalidade técnica coloca a ciência e a tecnologia moderna e contemporânea como cruciais para garantir a exploração do planeta Terra e também de outros planetas e corpos do Sistema Solar, em um pacto complexo entre o (neo)colonialismo, o capitalismo e o patriarcado. Ainda que haja críticas à forma dominante de pensar e organizar a vida, o modelo de usurpação e dominação da natureza segue, no presente século, cada vez mais eficaz e, a *queda do céu* (KOPENAWA & BRUCE 2015), evidente.

Por outro lado, há as distintas perspectivas cosmológicas dos povos originários: diversas, plurais, convergentes a uma interpretação das realidades que se baseia em uma outra concepção de sujeito, natureza, campo, cidade, terra (parente) e *Bem viver*, que trazem consigo, por meio da oralidade, relações céu-terra (ALVES-BRITO 2025a; b; c) ressignificadas no espaço e no tempo por meio de espiritualidades que se colocam e se reafirmam como potências no mundo. Entre esses povos, destacamos os Guarani, com suas cosmopoéticas (PINHEIRO 2024; ALVES-BRITO; PINHEIRO & DE ALMEIDA 2024; WERÁ 2024; ALVES BRITO & PINHEIRO 2025).

Localizados na região centro-meridional de parte de *Abya Yala* (na América do Sul), cobrindo áreas da Argentina, da Bolívia, do Brasil e do Paraguai, os povos Guarani compartilham a ideia de inseparabilidade entre

¹ O termo *Abya Yala*, de origem *Kuna*, significa *terra viva*, *terra madura* ou *terra de sangue vital*. É a denominação de povos originários para o que o sistema colonial denominou *América*. O termo *Abya Yala* revive a ideia de território que não está desacoplado da vida em comunidade.

terra e vida, em que a primeira é a gênese da segunda. Por milênios, os povos Guarani caminham em busca da *Terra Sem Males* (*Yvy Marãey*)², cujos trilhos são en-cantados e entoados pelas poética das *belas palavras* (PINHEIRO 2024; WERÁ 2024). Nesse processo de viver em um mundo em colapso, muitos indígenas Guarani têm sido dizimados e, com eles, os seus territórios, as suas terras roubadas e saqueadas em nome da *ordem* e do *progresso*, o mote da agenda de desenvolvimento positivista que fundamenta a origem da República brasileira.

Revisitamos, neste artigo, as noções de lugar e de modo de ser dos Guarani, revelando os seus *teko porã* (*Bem viver*) que, argumentamos, são críticos para que, junto com esses povos, possamos encontrar a *Terra Sem Males*, que não se trata de uma terra exterior ao planeta Terra ou ao nosso tempo cósmico. A *Terra Sem Males* é parte desse mundo e, para descobri-la, como estratégia de *adiamento do fim do mundo* (KRENAK 2019), é preciso reviver e rememorar, neste mundo distópico, outras formas de ser, estar e sentir nos mundos. Propomos, assim, uma reflexão sobre o *lugar* e o *modo de ser* (*teko porã*) *Guarani* e o *bem viver na Abya Yala* como alternativas *civilizatórias*³ ao modelo ocidental de desenvolvimento, a partir das cosmovisões e cosmopercepções dos povos originários de *Abya Yala*.

A metodologia adotada é qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise de obras centrais do pensamento indígena (KRENAK 2019; 2020; 2022; JECUPÉ 2020; XAKRIABÁ 2020; PATAXÓ 2020; 2022; FERREIRA 2023; WERÁ 2024; PINHEIRO 2024), de sua produção artística (*Daiara Tukano, Carlos Papá e Santiago Yahuarcani*), bem como por meio diálogos com textos que temos criado, nos últimos anos, com foco nas relações céu-terra no âmbito da educação intercultural e da educação das relações étnico-raciais (ALVES-BRITO; PINHEIRO & DE ALMEIDA 2024; ALVES-BRITO & PINHEIRO 2025; ALVES-BRITO 2025a; b; c).

O bem estar e o bem viver: projetos antagônicos de mundos

Ainda que o conceito de *bem estar* tenha mudado ao longo do tempo, associado na atualidade a uma ideia mais ampla de saúde, conectado aos aspectos mentais, emocionais, físicos e sociais, a ideia de *bem estar* que trazemos ao longo do texto e que contrasta a noção de *bem viver*, materializa-se, sobretudo, pelo *ethos* do sistema capitalista e neocolonial de reafirmação do *ter* em detrimento ao *ser* e ao *viver*. Esse é um tema que vem sendo amplamente debatido na literatura (KRENAK 2020).

² Lugar anunciado pelos ancestrais Guarani, onde a paz, a alegria e o compartilhamento equilibrado de mundos se daria de forma a garantir que as pessoas vivessem livres de dor e sofrimento.

³ No sentido de uma cidadania cósmica.

O *bem estar* é pautado na individualidade, no êxito próprio e no senso mais profundo de meritocracia, base fundamental do pensamento neoliberal. Em contexto global, distintas instituições mundiais — a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), entre outras — promovem, por exemplo, uma ideia de desenvolvimento que materializa a concepção de *bem estar* no mundo⁴. Enquanto os *direitos humanos* surgem com força no pós-guerras do século XX, a noção de *bem estar* não está conectada a todos os humanos, pois, no âmbito das lógicas opressoras neocoloniais e capitalistas, nem todas as pessoas desfrutam do mesmo sentido de *humanidade*. Pessoas indígenas, por exemplo, foram historicamente retiradas de seus contextos de humanidade e, na atualidade, esses processos obedecem a distintas dinâmicas de poder.

Distintas noções de *desenvolvimento humano* e de *bem estar* de todos os seres vivos têm sido incorporadas em distintas constituições de países de *Abya Yala*. No Brasil, por exemplo, a Constituição Federal de 1988 assegura que as pessoas indígenas são sujeitos e sujeitas de direitos. O Equador foi o primeiro país do mundo a reconhecer, em sua Constituição de 2008, os direitos plenos da natureza. No entanto, conforme distintos povos indígenas têm questionado ao longo do tempo, os conceitos de *desenvolvimento* e *bem estar* precisam ser refletidos profundamente, sobretudo diferenciando-os e os interpretando a partir de outras lentes, como as que o *bem viver* oferece. A humanidade dos povos indígenas, em sua relação profunda com a natureza, também precisa ser revisitada, reconhecida e compartilhada como cocriadora de políticas e de possibilidades de conformação de mundos.

O *Bem viver*, por sua vez, manifesta-se de forma plural nas diferentes tradições indígenas, como o *Sumak Kawsay* andino, o *Suma Qamaña* aimará e o *Teko Porã* guarani (WERÁ 2024). *Teko* é o modo de ser e de viver, conectado à cultura e à forma de existência. *Porã*, por outro lado, está associado ao bom, ao bonito e ao correto. Para os povos Guarani, viver o *teko porã* implica em aprofundar a reciprocidade entre pessoas, comunidades, territórios e espiritualidades, orientados pela busca do equilíbrio, da palavra verdadeira e da relação respeitosa com a terra (*tekoha*). Essas concepções contrapõem-se ao individualismo, à lógica da acumulação e à exploração predatória da natureza, distinguindo *viver bem* (Bem viver) de *viver melhor* (bem estar).

De acordo com a literatura vigente, é a partir do final dos anos 1990 que o termo *Bem viver* começa a ser difundido, sobretudo pela força e pelo protagonismo dos movimentos sociais em *Abya Yala* na contraposição às ideias globais desenvolvimentistas e neoliberais, sendo tratado como uma filosofia de vida, uma cosmopoética (ALCÂNTARA & SAMPAIO 2017; WERÁ 2024; ALVES-BRITO & PINHEIRO 2025).

⁴ Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 21/03/2026.

Com base nos dados e nas realidades descritas na literatura e também levando em conta as nossas práticas coletivas de luta e resistência no âmbito das sociabilidades brasileiras, argumentamos que a ancestralidade é a chave de compreensão do *Bem viver*. Sem as ancestralidades não há *Bem viver* indígenas. Os saberes e fazeres ancestrais são o corpus do bem viver e a sustentação dos modos de vida dos povos, propondo outras relações entre humanos, não humanos e extra-humanos. A natureza é parte da vida e uma herança cultural para os povos indígenas. A relação entre as subjetividades indígenas e a natureza são parte de um contínuo, de uma complementaridade que não está no horizonte das descontinuidades perpetradas pelo Ocidente (KRENAK 2019; 2020; 2022; XAKRIABÁ 2020; PATAXÓ 2020; 2022; FERREIRA 2023; WERÁ 2024; PINHEIRO 2024).

Em tempos de mudanças climáticas, questões socioambientais, pandemias, e outras lógicas de destruição do planeta, as palavras sábias sobre *a queda do céu* proferidas por intelectuais e lideranças indígenas, como Davi Kopenawa, nunca fizeram tanto sentido. O *Bem viver* implica em compreender e estar aberto a outras perspectivas cosmológicas que colocam, para nós, o desafio de pararmos, na atualidade, com as engenharias da *concretização* (mistura de cimento, água, areia e brita) da vida, em que o “desemparedamento” das existências é urgente. Nesses movimentos, é preciso recuperar e recontar as histórias sobre as relações céu-terra dos povos originários de *Abya Yala* (ALVES-BRITO 2025a; b; c).

Nesse aspecto, vale notar que as cosmoperspectivas dos povos Guarani e as de outros povos indígenas do Sul global compartilham semelhanças entre si (o traço da espiritualidade ancestral), mas também se diferenciam frontalmente das perspectivas cosmológicas hegemônicas, que insistem em apagar as contribuições científicas, culturais, estéticas e filosóficas dos povos originários. O *Bem viver* é, nesse sentido, um princípio de organização dos conhecimentos (saberes e fazeres) indígenas sobre o mundo e sobre o cosmos. O *Bem viver* é parte dos mundos visíveis e invisíveis, do céu, da terra, das águas e de tudo o que existe, sem corresponder às lógicas binárias e excludentes do mundo moderno e contemporâneo. Há espaço, no *Bem viver*, para a congregação dos pluriversos, das distintas expressões dos seres vivos e não vivos, em harmonia e equilíbrio, para responder às principais questões que nos atravessam. O *Bem viver* é, assim, um fio forte e perspicaz que tece as histórias ancestrais na construção de um outro projeto de sociedade.

Nesse sentido de reflexão sobre os elos que nos (re)conectam é importante enfatizar que os povos Guarani também se diferenciam de forma peculiar em relação a outros tantos povos originários, pois, em seus processos de lutas e resistências, os Guarani estão fortemente conectados a *Ñamandú*, *Ñanderuvusú* ou, ainda, *Ñanderú Papa Tenondé*, que quer dizer *nosso pai*, *nosso avô*, o primogênito e o derradeiro. *Ñande* expressa a ideia mais profunda de coletivo (nós). É nessa perspectiva de coletivo que os povos

indígenas Guarani caminham, em roda, buscando os elos da ancestralidade (o passado, o presente e o futuro).

Se, por um lado, o mundo moderno e contemporâneo do *Bem estar* representa o extrativismo desenfreado (mineração, agronegócio, desmatamento, especulação imobiliária), a expropriação por contaminação (a poluição de rios e a perda de biodiversidade), a acumulação de capital e a expropriação e espoliação da natureza, em um ato flagrante da materialidade distópica, o *Bem viver* é a utopia máxima, a possibilidade do sonho Guarani (e de outros povos originários) não apenas de destruir o mundo de desigualdades, mas também de fazer florescer a esperança. A *Terra Sem Males* dos Guarani está no horizonte de perspectivas e das lutas políticas, em que cada pessoa que decide caminhar junto se compromete com a mudança. As transformações, já sabemos, não acontecerão a partir dos centros hegemônicos de poder. Elas florescerão das aldeias, dos quilombos, das periferias do poder, a partir de lógicas mobilizadoras que bebem de fontes ancestrais. O modo próprio de viver Guarani (*tekoha*) estabelece uma relação profunda com a natureza, e é dessa relação que as identidades Guarani se conformam e per-formam para questionar a (des)ordem (cosmo)política da vida.

Além disso, vale notar que no caso dos povos Guarani não há *Bem viver* sem as *belas palavras* (JECUPÉ 2020; PINHEIRO 2024; WERÁ 2024). A palavra falada, escutada e (en)cantada é a que move o mundo. *Ayvu* quer dizer alma, linguagem humana, modo de ser para além do mundo material. Cada pessoa Guarani é uma palavra entoada, que já vem ao mundo com sua finalidade de prosperar a vida e o sonho do *Bem viver*. Embalar os sonhos dos que vieram antes para, nesse carrossel de imagens, garantir o futuro. As palavras Guarani são, assim, a tessitura do espaço-tempo de mundos visíveis e invisíveis, articulando dimensões da vida que, aparentemente, não se complementam e não se encontram nas *encruzilhadas* (MARTINS 2021) dos caminhos rumo à *Terra Sem Males*. As *belas palavras* descrevem a sabedoria e são o elo de pertença entre humanos, não humanos e extra-humanos. É por meio das *belas palavras* que as existências Guarani se colocam no mundo e tensionam as estruturas inférteis à transformação radical. A palavra, para os Guarani, é o lugar (espaço, terra, território), mas é também o acontecimento (tempo), a forma de existir em plenitude (modo de ser, fazer, estar e sentir).

Historicamente, a invasão de *Abya Yala*, no século XV, representa fissuras e rupturas cosmológicas (MUNDURUK 2012; JECUPÉ 2020; WERÁ 2024; ALVES-BRITO 2025c). Desde então, todos os povos indígenas de *Abya Yala* seguem em guerra. No caso dos povos Guarani, para além do processo histórico colonial de invasão bem datado no tempo e no espaço, destacamos também outros de seus desdobramentos, como a Guerra Guaranítica (1753–1756), que conformam conflitos entre povos Guarani das Missões e tropas de Portugal e Espanha; os conflitos nas Missões após a independência, no século

XIX; a Guerra do Paraguai (1864–1870); a expansão agrícola e urbanização no século XX; e os conflitos fundiários no século XX e XXI (ver MUNDURUKU 2012; JECUPÉ 2020; PINHEIRO 2024; WERÁ 2024; ALVES-BRITO & PINHEIRO 2025; e referências lá citadas).

Entre guerras, os povos Guarani resistem há séculos à perversa investida neocolonial e capitalista liberal que, de distintas formas (social, política, econômica, cultural, intelectual, territorial, linguística, espiritual), tenta consolidar o *bem estar* como um projeto antagônico de mundo àquele oferecido pelo *Bem viver*. A Guerra do Paraguai, por exemplo, representa um momento crítico na nossa história recente, em que a formação de estados brasileiros (regiões Sul e Centro-Oeste) ameaça a existência dos povos Guarani. Grande parte dos conflitos em torno da *posse*⁵ de terras no Sul e no Centro-Oeste do Brasil está intimamente relacionado aos ecos da Guerra do Paraguai. Terras pertencentes, na atualidade, a estados brasileiros, eram, no passado, parte do Paraguai, entre muitas outras, pois não se pode tampouco esquecer de que muitas comunidades Guarani viviam naquelas terras muito antes da colonização espanhola. A Guerra do Paraguai, que se configura na tríplice aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai, também provoca a dizimação de grande parte da população paraguaia constituindo-se como uma das mais sangrentas guerras do século XIX, em que muitos indígenas e negros foram não apenas mortos na linha de frente da guerra, mas também apagados da história.

As narrativas oficiais sobre a Guerra do Paraguai, bem como as representações artísticas da mesma (**Figura 1**)⁶ são, para nós, a *queda do céu*, estratégias para amalgamar a ideia de *bem estar* que tem sido atroz às experiências de corpos historicamente retirados das cenas políticas da vida. Na tela, o artista coloca o exército paraguaio, por exemplo, como sinônimo de barbárie, formado por pessoas desprezíveis, desnudas e descabeladas, enquanto o exército brasileiro é enaltecido como símbolo de civilização. A obra fortalece um imaginário sanguinário, de virada do Brasil Império para o Brasil República, em que grande parte da população paraguaia (incluindo indígenas) foi dizimada. A dizimação desses corpos, que não foi superada até a atualidade, está colocada no projeto (neo)colonial, capitalista e patriarcal. Muitas mulheres indígenas foram abusadas, estupradas e sequestradas, usadas como instrumentos de dominação e poder.

⁵ O sentimento de posse não faz parte da estrutura organizacional cosmológica dos povos Guarani. A posse é uma estratégia de dominação colonial, amparada nos sistemas de dominação e de propalação do genocídio anti-indígena e de outros povos da terra.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cEYiNxCxppA>. Acesso: 28/03/2026.

Figura 1 - A Batalha do Avaí (1877), de Pedro Américo, em que retrata o confronto da Guerra do Paraguai.



Fonte: Domínio público, wikimédia.

As lutas indígenas, e as dos povos Guarani em particular, seguem em nossos dias, ainda que não as chamemos mais de *guerras*. São guerras silenciosas, por vezes, contando com a conveniência dos grandes interesses institucionais, econômicos, políticos, militares, judiciais e midiáticos do país. Reafirmamos, assim, que desde o primeiro encontro com os invasores europeus de séculos atrás, e como consequência dos desdobramentos das invasões materializadas por todas as guerras que seguiram ao fatídico encontro do século XV, a realidade para os povos Guarani tem sido, por vezes, sinônimo de morte, dor e sofrimento, em que o exercício do *bem viver* surge potencialmente como um processo permanente e eficaz de cura. Esses encontros históricos entre os povos Guarani e os invasores europeus (e os que deles descendem), não foram (e nem têm sido muitas vezes) interculturais e libertadores. Contrariamente, eles espalham o medo, a solidão e a desesperança. O sentimento de superioridade dos europeus e a efetivação da supremacia branca, no âmbito das relações étnico-raciais dos projetos colonial, imperial e republicano no Brasil (BENTO 2022; ALVES-BRITO 2025a), são evidentes em nossos dias. As relações de poder entre indígenas e não indígenas (donos ou não do capital) são desproporcionais, atacando e alterando todas as esferas de vida dos povos indígenas.

Os povos Guarani, em particular, vivem e se comunicam com o cosmos a partir de um pensamento fino espiritualizado. Eles guardam em seus acervos de memórias um compartilhamento de mundos com a pluralidade de existências no planeta Terra que têm resistido por todo esse tempo. Os Guarani, e também outros povos indígenas de *Abya Yala*, não aceitam a imposição tranquila da distopia e nos convida ao sonho utópico em cada passo dado rumo à *Terra Sem Males*. De fato, os povos Guarani são radicais

nesse aspecto, pois não querem simplesmente falar como o colonizador em processos de assimilação cultural; eles não querem *vestir as suas peles* e, muito menos, usar, com os mesmos propósitos, as suas tecnologias de contacto com as realidades. Alternativamente, os povos Guarani querem preservar o seu jeito de ser e de viver, irretocáveis, guiados e destinados ao *Bem viver*, que deve ser transmitido por meio das *belas palavras*. É verdade que, nesse processo, as *belas palavras* os encaminham por estradas, vielas e atalhos nem sempre tranquilos, mas são as *belas palavras* que sustentam e traduzem a vida e a certeza do êxito no fortalecimento das identidades Guarani.

Apesar das guerras que, com frequência, chegam às aldeias Guarani, espalhando a morte e os forçando a permanentemente mudarem de lugar, esses povos não perdem a esperança e a força de reconstrução do seu *teko porã*. Onde chegam, eles fazem a vida florescer novamente, em outras lógicas de espaço e tempo e de compartilhamento de seus ideais e destinos com a natureza. Conforme discutido em Alves-Brito & Pinheiro (2025), as cosmopoéticas Guarani são retomadas literárias para a fabulação de outros mundos. Palavras e expressões como *nhe'ëry*, *jeroky*, *ayvu rape*, *xeyvara reté* e *ka'aguy* cingem a cosmopoética Guarani e, nesses movimentos, interiorizam as realidades para exteriorizar o *bem viver*. As *belas palavras* entoam a vida, as pessoas, as rochas, as águas, os rios, as florestas, os distintos biomas e tudo o que per-forma a existência.

Na conformação das organizações de lutas e arquiteturas dos povos Guarani, uma construção valiosa para o exercício do *bem viver* é certamente a *Opy*⁷ (**Figura 2**), ou Casa de Reza (JECUPÉ 2020; PINHEIRO 2024; WERÁ 2024). Construída com madeira, barro e palha, a *Opy* tem formato simples e tradicional. Ela é o centro espiritual da aldeia, onde acontecem as orações e os rituais da comunidade; onde são entoados os cantos tradicionais (*mborai*) e também onde é feito o uso de instrumentos sagrados; é na *Opy* que ocorrem os ensinamentos espirituais fundamentais para o equilíbrio da comunidade, transmitidos dos anciãos para os mais jovens por meio da oralidade. Além disso, é na *Opy* onde acontecem as reuniões importantes da comunidade e onde são tomadas decisões que vão alterar as rotas e as estratégias dos povos. A *Opy* é o lugar de aconchego e de relação direta com os ancestrais, um observatório a observar o cosmos (visível e invisível, material e imaterial) e o alicerce do conjunto de conhecimentos sobre as relações céu-terra que emanam dos Guarani em suas subjetividades que entoam sons. A *Opy* Guarani é o umbigo e o adubo do mundo, oferecendo sentido aos modos de ser e de viver dos seus povos que, em última instância, precisam ser compartilhados com os sistemas do mundo hegemônico.

⁷ Disponível em:

<https://selvagemiciclo.org.br/opyi-nossa-verdadeira-escola-saberes-e-fazeres-vivos/>.

Acesso em: 28/03/2026.

Figura 2 - Um exemplo de Casa de Reza Guarani.



Fonte: Foto de Carlos Papá⁸.

A **Figura 3** é também emblemática para a nossa discussão, pois traz a parede lateral externa de um edifício em Belo Horizonte, uma cidade de concreto, símbolo da modernidade e da lógica de *bem estar*, com uma linda criação da artista indígena *Daiara Tukano*⁹. O mural nos lembra que, apesar do concreto, os territórios são indígenas, as cidades brasileiras, em movimentos de *Bem viver*, devem sempre se mover no sentido de manter a memória originária viva. Em um processo inverso, devemos fazer a vida brotar do concreto. O *Bem viver* é o contraponto à lógica do *bem estar* que quer exterminar saberes e fazeres ancestrais para construir espigões de concreto e ampliar as lógicas capitalistas. E, nesse sentido, as artes também são movimentos de luta e resistência (ALVES-BRITO *et al.* 2025).

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLYysvnBmz4S3b2GCHuPLGr3s7qlGuRI1>. Acesso em: 28/03/2026.

⁹ Disponível em: <https://www.daiaratukano.com/>. Acesso em: 28/03/2026.

Figura 3 - Paredes lateral externa do edifício Levy, em Belo Horizonte, com uma criação da artista indígena Daiara Tukano. A mãe indígena carrega o seu filho ao colo.



Fonte: Wikimédia, Ecoa/SP.

Em síntese, o *Bem viver* é o grande *amor à sabedoria* (filosofia) que emana das ancestralidades vivas e pulsantes de distintos povos de *Abya Yala* e, na atualidade, é um caminho de cura para o planeta Terra, em reposicionamentos cosmológicos.

O *Bem viver* precisa fluir, nesse tempo de agora, como um mundo de vida em florescimento, em que é impossível aceitar e naturalizar as desigualdades históricas que atravessam a vida de milhares de povos indígenas de *Abya Yala*. Os *Bem viver* dos povos indígenas são mais do que uma teoria; são centelhas do mundo que transformam a vida, constituindo-se em práticas de luta e resistência, altamente comprometidas com a ética do cuidado e com o reencontrar-se no caminho. Tratam-se, assim, de outras formas de relação profunda com o cosmos, com os humanos, não humanos e extra-humanos.

A **Figura 4** representa este princípio¹⁰. Ela é uma obra do artista peruano Santiago Yahuarcani, indígena Aimeni, da Nação Uitoto. Como parte do *Bem viver*, a pintura traz a folha de coca e o tabaco como elementos sagrados cruciais para a cosmologia do povo. As plantas transmitem conhecimento e comunicam mundos invisíveis.

¹⁰ Disponível em: Instagram: @santiago_yahuarcani. Acesso em: 28/03/2026.

Figura 4 - O Princípio do Conhecimento (2020).



Fonte: Museu de Arte de São Paulo.

O futuro é ancestral

Nesse mundo de distopias e destruição, de queda literal do céu, em que o fim se diz próximo (KOPENAWA & BRUCE 2015; KRENAK 2019), é preciso refletir sobre as maneiras que o *teko porã* Guarani e o *Bem viver* em *Abya Yala* nos projetam o futuro (KRENAK 2022; WERÁ 2024; ALVES-BRITO 2025c).

Como falar de futuro para jovens indígenas que têm sido mortos ou empurrados aos processos de mortandade no Brasil? Como vislumbrar o futuro dos povos indígenas se, no momento, o Brasil insiste em negar as suas história e culturas, os seus lugares e modos de ser? E o que o futuro indígena tem a ver com o seu passado-presente? Sem responder a essas perguntas de forma crítica, ética e política não teremos como de fato interpretar os *territórios do Bem viver*, destacando as pertenças, as culturas e as resistências dos povos originários, e sem perder de vista a realidade mais concreta que nos conecta: seguimos em guerra.

Por um lado, a linearidade do tempo do projeto hegemônico é atroz, porque não apenas nos coloca, povos racializados, na impossibilidade de vislumbrarmos o futuro (somos mortos muito antes) como também tenta nos paralisar e aprisionar no passado (homogeneizados, folclorizados, desumanizados e sem voz). E, o presente, configura-se como uma repetição sem fim e acrítica do que foi o passado, sem acordos, sem possibilidades de curarmos a ferida colonial que nos marca, assombra e persegue. É nesse sentido que reafirmamos, nesse texto, que o *teko porã* Guarani e o *Bem viver* em *Abya Yala*, por meio da ancestralidade, nos traz (para pessoas negras e indígenas, em suas intersecções com distintos marcadores sociais da diferença) uma perspectiva inovadora de passado, presente e futuro. O *teko porã* Guarani, bem como as lógicas afropindorâmicas (BISPO DOS SANTOS 2023; ALVES-BRITO 2025a; b; c), nos ensina que o presente deve ser vivido em sua plenitude, pois o futuro é a memória ativa e cosmopolítica do que

está sendo feito agora, por meio de corpos-territórios-pensamentos que se fortalecem nos coletivos, na vida em comunidade. É na roda (no coletivo) que o passado, o presente e o futuro se encontram. Não há fim e, o planeta Terra, precisa ser legado, de forma saudável, às gerações futuras. Isso só será radicalmente uma realidade quando a vida deixar de ser útil (KRENAK 2019).

Do ponto de vista da vida prática, não haverá futuro, e tampouco reflexão crítica e responsabilização contemporânea do presente, se os sistemas de ensino (escolas, universidades e instituições distintas) e de promoção da cultura no país (museus, centros de divulgação, entre outros) seguirem apegados aos processos de minimização e desarticulação da educação intercultural e da educação para as relações étnico-raciais (XAKRIANÁ 2020; PATAXÓ 2020; 2022; FERREIRA 2023; PINHEIRO 2024; ALVES-BRITO; PINHEIRO & DE ALMEIDA 2024; ALVES-BRITO & PINHEIRO 2025; ALVES-BRITO 2025a; b; c). Os valores indígenas, e de outros povos da terra, precisam fazer parte dos modos de ser e viver no Brasil, compreendendo a sua importância para garantir um futuro outro.

Na conformação das literaturas e das bibliotecas escritas e oralizadas, a resistência indígena também se dá de distintas formas (ALVES-BRITO & PINHEIRO 2025). Cada vez mais o *teko porã* Guarani chega às escolas, às universidades, aos museus e às instituições criadas pelos sistemas (neo)coloniais. Muitos são os pesquisadores e as pesquisadoras que acham que sabem tudo (ou quase tudo) sobre os povos Guarani, mas esquecem que, de fato, só sabem aquilo que os povos quiseram que soubessem e do jeito que os indígenas quiseram que a informação fosse processada. Ainda que cada vez mais pesquisadores indígenas estejam tendo a oportunidade de, pela primeira vez em séculos, contar as suas próprias histórias do lugar das instituições de ensino superior — não como uma concessão dos sistemas de branquitude (BENTO 2022), mas como parte das lutas históricas dos próprios povos (MUNDURUKU 2012) —, o *teko porã* precisa ser vivido junto com os povos e colocado em prática no dia a dia, em um convite à ação transformadora.

Os Guarani sabem que as suas *belas palavras* constituem um estado paralelo de coisas que soam, por vezes, estranhas aos ouvidos dos beneficiários das estruturas mortíferas coloniais. No entanto, esses povos não subestimam os seus poderes e reafirmam as *belas palavras* como potências para fazer implodir o *Estado de coisas* que se colocam frente aos povos originários em processos de destruição que os impedem de alcançar direitos basilares, incluindo o direito à vida.

Precisamos, de fato, tecer outras narrativas¹¹ e fortalecer os laços na reciprocidade. Como confiarmos uns nos outros? Esse é um grande desafio, e teremos que exercê-lo, com o ônus e o bônus do que isso vai significar para o equilíbrio cosmológico. Você pensa que isso é uma utopia? Pode ser, mas é

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@Afropindor%C3%A2micas>. Acesso em: 28/03/2026.

por ela que vivemos, sonhamos, ressignificamos e damos sentidos às nossas lutas.

Referências

ALCÂNTARA, Liliane Cristine Schlemer & SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce (2017). “Bem Viver: uma perspectiva (des)colonial das comunidades indígenas”, *Rev. Rup.*, v. 7, n. 2: 1-31.

ALVES-BRITO, Alan (2025a). “Cosmologias e cosmopolíticas afropindorâmicas: relações céu-terra para a educação antirracista das ciências e das artes na América”. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

____ (2025b). *Cosmologias e Cosmopolíticas Afropindorâmicas*. Porto Alegre: Marcavisual.

____ (2025c). “Literaturas, artes e ciências afropindorâmicas: traumas e rupturas cosmológicas no Antropoceno”, *Organon*, Porto Alegre, v. 40, n. 80.

ALVES-BRITO, Alan; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; LOPONTE, Luciana Gruppelli; MENEZES, Magali Mendes de; PINHEIRO, Isael da Silva; LEANDRO, Renan & ALBÁN ACHINTE, Adolfo (2025). “Os muros das univer-cidades e a de(s)colonização das retinas: comunidade criativa como prática educativa e coletiva de re-existência afropindorâmicas”, *Revista GEARTE*, [S. l.], v. 12.

ALVES-BRITO, Alan & PINHEIRO, Isael da Silva (2025). “Cosmopoéticas Guarani: nhẽ’ẽ porã como retomadas literárias”, *Organon*, v. 40, n. 79: 1-20.

ALVES-BRITO, Alan; PINHEIRO, Isael da Silva & DE ALMEIDA, Diadiney Helena (2024). “Os tehêys pataxoop e as belas palavras guarani: educação e divulgação de ciências físicas e humanas (com) perspectivas indígenas”, *Espaço Ameríndio*, v. 18, n. 2: 37–58.

BENTO, Cida (2022). *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras.

BISPO DOS SANTOS, Antônio (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora.

FERREIRA, Bruno (2023). *Ûn si ag tũ pẽ ki vẽnh kajrãnrãn fã = o papel da escola nas comunidades Kaingang*. Porto Alegre: CirKula.

JECUPÉ, Kaká Werá (2020). *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis.

KRENAK, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

____ (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.

____ (2022). *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras.

KOPENAWA, Davi & BRUCE, Albert (2015). *A Queda do Céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

MARTINS, Leda M. (2021). *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo tela*. Rio de Janeiro: Cobogó.

MUNDURUKU, Daniel (2012). *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. São Paulo: Paulinas.

PATAXÓ, Liça [Dona Liça] (2020). *Yãmixoop de O Grande Tempo das Águas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HSZgwIgfGKk>. Acesso em: 21/03/2026.

____ (2022). *História do Vento, o Sol, a Lua e a Chuva*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fRfr6MbbJg>. Acesso em: 21/03/2026.

PINHEIRO, Isael da Silva (2024). “Arandu: a pedagogia Guarani das Belas Palavras”. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SMITH, Linda Tuhiwai (2018). *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Editora UFPR.

WERÁ, Kaká (2024). *Tekoá*. Rio de Janeiro: BestSeller.

XAKRIABÁ, Célia (2020). “Amansar o giz”, *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, n. 14: 110-117, jul.

Sobre o autor

Alan Alves-Brito é Graduado em Física (UEFS, 2002), Mestre (2004) e Doutor (2008) em Ciências pela USP, finalizou Especialização em Literatura Brasileira (UFRGS 2023) e Doutorado em Educação (UFRGS 2025). Realizou estágios de doutorado e pós-doutorado em ciências no Chile, Estados Unidos e Austrália. Tem estudado cosmologias africanas, afro-brasileiras e indígenas. Autor de livros, artigos e idealizador de projetos de arte (exposições e filmes) é também Pró-reitor de Ações Afirmativas e Equidade da UFRGS.